

NOS@EUROPE

O Desafio da Recuperação Económica e Financeira

Prova de Texto

UE – United Economists

Colégio St. Peter's School

Ágata Swiatkiewicz

Ana Almeida

Gonçalo Melo

Ruben Quendera

Dezembro de 2011

UE - United Economists

“A Europa encontra-se entre a espada e a parede”



C. Farinha (entrevista) J. Guerra (fotografia)

◆ United Economists, analistas de mercado, irão explicar-nos a situação atual da Europa, as causas e os efeitos da crise. A.Almeida, R.Quendera, Á.Swiatkiewicz e G.Melo não têm dúvida de que, tal como nos princípios da União Europeia, “juntos somos mais fortes do que cada um de nós”¹.

Qual a vossa perspetiva em relação à origem da crise?

O que se está a passar na Europa é semelhante à crise dos Anos 30. Diz-se que “a culpa é dos governadores que pediram muitos empréstimos e dos bancos, que emprestaram” e que são agora os contribuintes quem tem de salvar a situação. No entanto, procurámos a raiz da situação.



O que encontraram?

A globalização esteve e estará sempre na origem deste fenómeno e, segundo Aníbal Cavaco Silva, “traduz a crescente interligação e interdependência entre os países em resultado da liberalização dos fluxos internacionais do comércio, de capitais, de TIC e do aumento da mobilidade das pessoas”². Ora, a globalização trará consequências positivas e negativas, sendo estas últimas as que a sociedade caracteriza como causas da crise. Não existe uma causa principal, pois a crise não é uma simples relação de causa/efeito, resulta de uma sucessão de acontecimentos. Assim, consideramos a globalização um fator potencial para o despoletar da crise.

Mas a “globalização” não é maioritariamente associada a fatores positivos?

É um fenómeno benigno, ainda que seja também propício à situação atual. Com o evoluir das sociedades, devido ao desenvolvimento das TIC, um dos objetivos era atrair investimento

estrangeiro para equilibrar as balanças de pagamentos dos Estados e criar postos de trabalho. Isto foi conseguido diplomaticamente, através da desburocratização dos processos administrativos com as reformas fiscais e laborais, a melhoria da justiça e a concessão de crédito bancário a baixas taxas de juro.

Contudo não foram estas as causas da crise europeia, correto?

Claramente. Existe uma conexão entre a crescente interligação dos países na Europa e com os restantes continentes e a atual crise europeia. Segundo a nossa pesquisa, as consequências negativas da dita globalização são as causas da crise.

Que consequências/causas são essas?

Para começar, as políticas monetárias europeias não têm sido geridas da melhor forma, o que levou as sociedades a evoluírem em torno de um ideal consumista e facilitista, a partir de pedidos desmesurados de empréstimos bancários, devido às baixas taxas de juro oferecidas. Esta situação é mais preocupante, pois as empresas públicas efetuaram, ano após ano, despesas descontroladas com a complacência dos próprios governos que não regularam o setor financeiro. Ainda, a permissão da criação de vários paraísos fiscais contribuiu para a desregularização deste setor. Com a necessidade de conseguir capital, os agentes económicos começaram por evidenciar falta de ética profissional nos negócios, através de negócios ilícitos e corruptos (branqueamento de capitais/lavagem de dinheiro).

Como caracterizam esta época “consumista e facilitista”?

Durante vários anos, o sistema capitalista viveu uma época de grande valorização imobiliária e acionista, devido ao fato de a economia ser aberta e com a consequente oferta em massa de bens e serviços, os indivíduos mantiveram altas expectativas de valorização dos seus ativos ao qual se chamou “bolha especulativa”.



Tendo em conta que relacionaram a globalização com a crise europeia, será que a falência de bancos estrangeiros poderá ter influenciado a mesma?

Sim, com a falência a 15/9/2008 do banco Lehman Brothers³, que constituía na altura o quarto maior banco de investimento dos EUA, todos os bancos do mundo, direta ou indiretamente, foram afetados pela falta de confiança dos investidores. Este acontecimento bem como os restantes mencionados despoletaram a crise europeia.

Que outras consequências se seguiram?

Ainda nos EUA, o efeito sistémico levou à quebra da AIG⁴, a maior seguradora dos EUA, que necessitou uma injeção de 85 bilhões de dólares³ do governo norte-americano para evitar a falência. Devido à globalização, esta crise alastrou-se até à Europa, sendo que foi necessário injetar capital público em vários bancos como o Northern Rock⁵ e o Lloyds Bank⁶ no Reino Unido, ou o Swiss Re⁷, para evitar que falissem.

E que consequências encara a União Europeia agora?

Na UE a crise originou défices orçamentais⁸ e dívidas públicas⁹ colossais, levando a Grécia¹⁰, Portugal¹¹ e Itália¹² a pedir ajuda externa. Para resolverem esta situação, de despesas superiores às receitas, os países têm que se financiar externamente, ao vender a dívida pública no mercado secundário pagando um juro, tanto maior quanto o risco associado. A crise levou a que os países tivessem de fazer uma reestruturação das suas economias, o que resulta em diminuição de

funcionários públicos, cortes em subsídios, na saúde, educação, diminuição do consumo público, e aumento de impostos diretos, como o IRS, e indiretos, como o IVA.

Mas essas medidas que visam reestruturar a economia, têm também efeitos negativos.

Neste caso, apesar de ajudarem a controlar as contas públicas, têm um impacto muito penalizador para a economia e provoca fortes efeitos recessivos e diminuições do PIB¹⁴, levando a consequências como o aumento da taxa de desemprego, a diminuição do consumo público e privado e o empobrecimento geral da população. Ainda, estas medidas foram recebidas negativamente por parte da população, como o demonstram as diversas manifestações ocorridas na Grécia e o próprio mercado, apoiado nas notações das empresas de rating, que passa a comprar a dívida pública dos países em crise a juros mais elevados dificultando ainda mais a sua recuperação.

Que outras consequências teve a crise económica?

Para começar, o aumento do número de países com dificuldades financeiras. Note-se o pedido de resgate da Itália e o elevado risco de incumprimento da Grécia, a quem já foi perdoada 50% da dívida¹⁵, que se traduz em impactos devastadores para as economias em especial francesa e alemã, que compraram valores de dívidas públicas de elevado risco. Ainda, as instituições financeiras dos países em dificuldades não têm capacidade para financiar as PME¹⁶, resultando em níveis de crescimento muito baixos ou negativos. A nível social verifica-se, então, perda de poder de compra, reivindicações, instabilidade social. Tudo leva ao empobrecimento da Europa...

A consequência mais grave para a UE é a crescente desconfiança dos mercados em relação ao próprio Euro, estando, assim, a UEM¹⁷ ameaçada.



E em relação à vossa região quais as consequências visíveis?

Portugal está a enfrentar dificuldades e a região de Setúbal não é exceção. Várias empresas já declararam insolvência, tal como a Transportadora Barreirense, LDA¹⁸. Por outro lado, a crise tem-se refletido socialmente com o aumento da taxa da criminalidade, que subiu 3.2% de 2007 para 2009¹⁹, e do número de carenciados. Em 2010, eram já 33.600²⁰ as pessoas em situação crítica.

Bibliografia e Referências

- 1 - Entrevista a João Cravinho ao Presidente da República, in *Público* (Domingo 27 de novembro de 2011, Edição Lisboa, nº7904)
- 2 - Silva, A. Cavaco – *Globalização e Desenvolvimento*. Congresso Nacional da ACEGE, Centro Cultural de Belém, Lisboa (20 de setembro de 2002)
- 3 – http://www.tsf.pt/PaginaInicial/Economia/Interior.aspx?content_id=1013356 – TSF, 15 de setembro de 2008
- 4 – AIG : American International Group http://www.aig.com/Homepage_299_89306.html
- 5 – <http://www.meionorte.com/noticias/economia/banco-central-dos-eua-salva-seguradora-aig-injecao-de-us-85-bilhoes-58097.html> - Meio Norte, 17 de setembro de 2008
- 6 – <http://aeiou.expresso.pt/banca-northern-bank-vai-emitir-titulos-de-divida-para-pagar-injecao-de-capital=f221707> - Jornal *Expresso*, 21 de janeiro de 2008
- 7 – <http://www.ft.com/cms/s/0/f66eea44-c84a-11de-a69e-00144feabdc0.html#axzz1fi0aQIUW> – *Financial Times*, 3 de novembro de 2009
- 8 – <http://www.marketwatch.com/story/swiss-re-gets-injection-berkshire-hathaway> - Market Watch, 5 de fevereiro de 2009
- 9 – http://ec.europa.eu/news/economy/090324_1_pt.htm - Comissão Europeia, 24 março de 2009
- 10 – http://www.google.pt/publicdata/explore?ds=ds22a34krhq5p_&met_y=gd_pc_gdp&idim=country_group:eu&dl=pt-PT&hl=pt-PT&q=divida+publica+uniao+europeia – Google Public Data (Gráfico)
- 11 – <http://economia.publico.pt/Noticia/decisao-do-fmi-sobre-emprestimo-a-grecia-depende-do-referendo-1519304> - Jornal *Público*, 3 de novembro de 2011
- 12 – http://economia.publico.pt/Noticia/fmi-esta-pronto-a-ajudar-portugal_1488631 - Jornal *Público*, 6 de abril de 2011
- 13 – http://www.jornaldenegocios.pt/home.php?template=SHOWNEWS_V2&id=522111 – *Jornal de Negócios*, 27 de novembro de 2011
- 14 – <http://www.indexmundi.com/g/g.aspx?c=ee&v=65&l=pt> – Index Mundi (Gráfico)
- 15 – http://www.dn.pt/inicio/economia/interior.aspx?content_id=2084933 – *Diário de Notícias*, 27 de outubro de 2011
- 16 – Pequenas e médias empresas
- 17 – União Económica e Monetária
- 18 – Encerramento do processo de insolvência: processo n.º 319/06
- 19 – http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1182444 - *Diário de Notícias*, Quinta-feira 27 de outubro de 2011
- 20 – <http://www.agenciafinanceira.iol.pt/dinheiro/crise-pobreza-banco-alimentar-pobres-desemprego-agencia-financeira/1211209-3851.html> - Agência Financeira, 22 de novembro de 2010

Imagens

- A - <http://public.globecartoon.com/cgi-bin/WebObjects/globecartoon.woa/wa/jpgImage?uid=1001191>, “The Economy Saved!”, Chappatte
- B – <http://public.globecartoon.com/cgi-bin/WebObjects/globecartoon.woa/wa/jpgImage?uid=1001184>, “Fall of Wall Street Giants”, Chappatte
- C – Cartoon, Revista “Domingo”, semana de 4 de dezembro – 10 de dezembro de 2011, Edição nº11868 do *Correio da Manhã*
-

Conway, Edmund - *50 Ideias: Economia - Que precisa mesmo de saber*. Lisboa: Dom Quixote, 2011

Rothé, Bertrand; Mordillat, Gérard – *Não há alternativa*. Lisboa: Veja, 2011

<http://nos-at-europe.ua.pt/recursos/>

Declaração de compromisso de honra

Os membros da equipa **UE – United Economists** declaram que este é um trabalho original e inédito, desenvolvido por eles com o fim de participarem na Prova de Texto do Concurso NOS@EUROPE.